

CRISTO E O DISCÍPULO DE EMAÚS

Paulo José Benício
Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

O espírito de Emaús, contrário a todo academicismo, foi o que inspirou Murilo Mendes a escrever *O Discípulo de Emaús*, obra que será objeto deste artigo. O notável intelectual, ao mesmo tempo artista sensível, mostra-nos, alicerçado em sua leitura sobre a narrativa da estrada de Emaús, uma vida poética compatível com a teologia. Após uma breve apresentação do autor, confrontaremos a imagem de Cristo como apresentada em *O Discípulo de Emaús* com aquela revelada nas Escrituras; isso tendo em vista a nos aproximarmos cada vez mais desse espírito de Emaús e também apreciarmos toda a sua riqueza teológico-poética.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia, poesia, arte.

INTRODUÇÃO

Quando se comemora o centenário de nascimento de Murilo Mendes (1901-2001),¹ nada mais apropriado do que lhe prestar uma homenagem, considerando sua repercussão mundial como um dos ganhadores do maior prêmio já concedido a um poeta na Itália (em 1972), o Etna-Taormina.

Na década de 40, o poeta mineiro se encontrava fortemente atraído pelo episódio bíblico de Emaús.² Em consequência disso, foram publicados, em 1945, o poema Emaús, no livro *Mundo Enigma* (ME),³ e a obra *O Discípulo de Emaús* (DE).⁴

A proposta deste trabalho é percorrer a famosa estrada de Emaús, fomentando um diálogo entre os dois personagens, Cristo e Murilo Mendes. Isso será feito não somente com base em reflexões, nas Escrituras Sagradas, acerca da pessoa de Jesus, como também mediante uma análise das perspectivas do espírito de Emaús, “espírito esse pautado pelo desprendimento, pela improvisação e pela fraternidade” (DE, 1995, cf. fragmento 235, p.838).

Procuraremos incentivar, com isso, a apreciação de uma poesia totalmente norteada pela contemplação da obra divina, pelo aprofundamento da palavra de Deus, pelo companheirismo e pela visão do céu aberto, do pão eterno, de uma posta de peixe e de um favo de mel. É o complemento e a

plenitude do espírito do Sermão da Montanha (cf. Mateus, capítulos 5 a 7), o mais sublime e perfeito exemplo de vida poética jamais proposto aos homens.

I. O CRISTO HÓSPEDE

Murilo Mendes cultivava e refletia, em todos os seus escritos, um *cristianismo cristocêntrico*, declarando-se eternamente seduzido pela humanidade do filho de Deus. Como podemos observar já nas primeiras linhas do poema *Emaús* (ME, 1995, p.378), ele expressa de forma apaixonada a sua mais profunda admiração pela natureza humana de Cristo.

Sempre és o hóspede – nunca és o rei
Muito mais derrotado que vitorioso!

Qualquer leitor sensível concordaria em reconhecer que essas palavras perscrutam o mistério da *encarnação divina* – o “rebaixamento” da condição de *rei vitorioso* à de *hóspede derrotado*. Ao contrário de uma idéia de derrotismo ou debilidade, tão presente na maioria das imagens que se criam, particularmente no Brasil, em torno da pessoa de Cristo, o autor está-se referindo a uma virtude do seu caráter. Em termos neotestamentários, neste sentido, uma das abordagens mais incisivas foi feita por Paulo:⁵

Pois ele (Cristo), subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se evaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte de cruz! (Filipenses 2,6-8).⁶

No trecho acima, provavelmente citando parte de um hino cristológico composto por comunidades cristãs incipientes, o apóstolo alude ao auto-esvaziamento (*kenôssis*) de Cristo.⁷ Tal autonegação consistiu na “desistência” do exercício dos atributos divinos, já que, voluntariamente, o Redentor, no cumprimento do ofício de mediador, assumira a *forma de um servo* (*morfé dúlu / forma servi*).

Nas palavras do profeta Isaías, o *Servo Sofredor* compadece-se das nossas dores e pensa nossas feridas (cf. Isaías 52,13 – 53,12). Ele se encontra à porta da nossa casa e bate; mas, tão-somente se reconhecermos sua voz e permitirmos que entre, ele nos faz uma visita, podendo inclusive tornar-se nosso hóspede (cf. Apocalipse 3,20). Uma perspectiva cristológica tão coerente com o *status humiliationis Christi* nos desafia trazer à baila um outro aspecto: o que concerne ao *reino de Deus* (*bassiléia tu theú*).

Em *O Discípulo de Emaús*, Murilo Mendes assevera que “o reino de Deus está *em nós*” (grifo nosso) (1995, fragmento 33, p.819). Sem dúvida, tal afirmação possui sólido respaldo bíblico (cf. Lucas 17,21). A mesma colocação fez o *Enviado* aos dois discípulos quando andava com eles de

Jerusalém para Emaús, explicitando que a primeira vinda do Messias não seria bombástica, mas humilde e sofredora (Lucas 24,26). Em outras palavras: uma leitura correta das escrituras veterotestamentárias não promete que Cristo viria ao mundo para libertar, em poder e glória, o povo judeu do domínio romano, usando o *cetro do rei Davi*. O próprio Jesus, durante seus três anos de ministério terreno, chamou veementemente a atenção daqueles que o ouviam para o fato de ser o *reino de Deus* o senhorio do *Salvador* no coração de quem a ele se entregasse num ato de fé e arrependimento (*conversão*).⁸

Se o *homem de hoje* permitisse que essa visão do *Senhor Crucificado* penetrasse em seu lar, o mundo certamente não estaria tão desarrumado!⁹ Infelizmente, porém, os cristãos têm-se mostrado bastante refratários a qualquer visão poética, particularmente àquelas que não são reconhecidas como conservadoras no campo da teologia dogmática. Nesse sentido, ouçamos, portanto, o que mais este poeta tem a nos ensinar.

II. O CRISTO COMPANHEIRO

Sempre interessado na relação entre o *visível* e o *invisível*, Murilo Mendes, em *O Discípulo de Emaús*, fazendo menção da vívida narrativa de Lucas a respeito da caminhada de Jesus e dos dois discípulos (cf. Lucas 24,13-35), afirma com extrema propriedade: “o espírito de Emaús é o espírito de companheirismo com o Cristo” (1995, fragmento 234, p.838).

A amizade que o *Senhor Ressurreto* demonstrou para com esses desiludidos, confusos e entristecidos seguidores tem muito a nos instruir. O *Messias* percorreu com eles um longo caminho (a distância de 11 km, de Jerusalém para a insignificante aldeia de Emaús), a eles expôs as Escrituras detalhadamente, com eles também se alimentou e, finalmente, a eles se deu a revelar de forma inconfundível (cf. Lucas 24,13-35).

No evangelho escrito por João, o discípulo a quem Jesus muito amava, as relações interpessoais são por demais valorizadas.¹⁰ Da pena joanina, um dos registros mais comoventes sobre *amizade* se encontra nas palavras de despedida proferidas por Jesus no Jardim do Getsêmani, pouco antes do seu aprisionamento, palavras essas dirigidas, com exclusividade, aos seus discípulos. Leiamos esta declaração de companheirismo:

Já não vos chamo servos (dúlus), porque o servo (dúlos) não sabe o que faz o seu senhor (kýrios); mas tenho-vos chamado *amigos / filii*, (grifo nosso) porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer (João 15,15).¹¹

Exegetas alertam-nos para o fato de que não devemos concluir da expressão “já não” que, antes desse encontro de despedida, Jesus chamava seus discípulos de escravos ou os tratava como tais. Na verdade, o texto

ensina que, agora, no cenáculo, o *Mestre* está descortinando os segredos que motivaram seu ministério terreno e seu sacrifício iminente. Um escravo não precisa saber por que seu dono lhe dá uma ordem. Ele deve tão-somente obedecer, não deve conhecer a razão dos fatos que o cercam. Com um amigo, em contrapartida, podemos compartilhar esperanças e planos, porque amizade implica confiança irrestrita.

Como bem expressa Murilo Mendes: “ser amigo é repartir a vida” (DE, fragmento 746, p.890). Indubitavelmente, Cristo é o amigo por excelência, porquanto “observando a lei do amor e da unidade, compartilhou, sacramentalmente, seu corpo – o pão –, seu sangue – o vinho –, no maior púlpito do mundo – a cruz!” (DE, cf. fragmentos 233, 261 e 265, p.838 e 841).

Por isso, jamais conseguiremos compreender como ele pôde dar a *comunhão* até mesmo a Judas, o traidor.

III. O CRISTO ESCRITURA

É certo que Murilo Mendes insistia em se aprofundar no conhecimento da Escritura. Ele parecia literalmente *ruminar* a narrativa de Emaús, mostrando-se atento à crítica que Jesus dirige aos discípulos por não aceitarem a sua morte (chamando-os inclusive de *nêscios, obtusos, lerdos / anoêtoi* - cf. Lucas 24,25).¹² Ele também se mostrou atento à exposição que Jesus fez de todas as Escrituras (cf. Lucas 24,27), exposição essa que o levou a clamar em *O Discípulo de Emaús*: “para que o mundo futuro se revestisse do espírito de Emaús – isto é: para que se lhe abrisse o entendimento e assim fosse penetrado pelo sentido da Escritura” (1995, cf. fragmento 231, p.838).

Mas, o que significa Escritura na *concepção teológica muriliana*? Permitamos que ele mesmo nos esclareça: “a vida da Escritura consiste nele [na Pessoa de Cristo], desde a primeira palavra do Gênesis até a última do Apocalipse” (DE, 1995, cf. fragmento 232, p.838). Esclarecendo de outra maneira: o escritor ansiava fervorosamente para que “o homem se deixasse decifrar pelo amigo Jesus Cristo, o qual não deveria ser desagradado pela comissão de pecados” (DE, 1995, cf. fragmentos 249 e 406, p.840 e 855).

Não nos é possível saber ao certo se Murilo Mendes possuía conhecimento de textos protestantes sobre o dogma da pessoa e obra de Jesus; inegável, todavia, é a semelhança das citações feitas por ele com asseverações do reformador alemão, Martinho Lutero (1483-1546), quando chamou a atenção para a presença inconfundível de Jesus Cristo em cada porção da Bíblia Sagrada (*was Christum treibet* ou “o que impulsiona a Cristo”).

Os discípulos de Emaús não foram os únicos a serem admoestados por não haverem compreendido que o *Nazareno* era o cumprimento da *Lei* e dos *Profetas*. Foram-no também os saduceus, componentes da aristocracia dominante da política judaica da época. Numa calorosa altercação, envolvendo a doutrina da ressurreição, o *Mestre* criticou-lhes a ignorância escriturística, dizendo: “errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus” (cf. Mateus 22,29).

Desconhecer a Escritura é desconhecer a Cristo, pois “são elas mesmas que testificam de mim [de Jesus Cristo], o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim”. (cf. João 5,39 e Apocalipse 22,13). Se desejarmos conhecer bem o *Galileu*, devemo-nos exercitar em uma penetrante análise da Bíblia, já que “o livro de Deus não foi escrito só para ser lido, mas para ser devorado” (DE, 1995, fragmento 138, p.828).

Se os homens realmente meditassem com afinco na Palavra da Verdade,¹³ e não fossem os discípulos tão adversos ao seu mestre e amigo Jesus Cristo, passariam a saborear cotidianamente a real presença do manso Cordeiro de Deus (cf. Mateus 11,28-30 e João 1,29) em todas as formas de manifestação e concepção, até mesmo nas evidenciadas pelo poeta em questão, extraíndo delas valiosas lições teológicas.

IV. POEMAS TEOLÓGICOS DE MURILO MENDES

A título de ilustração, apresentaremos, a seguir, três poemas (cf. Whiteman, 1997) do imenso e riquíssimo arcabouço do incansável artista-teólogo (ou teólogo-artista?) em estudo. Esta é somente uma pequena mostra da sensibilidade estética e da profunda consciência do *paradoxo* entre a limitação humana e a soberania divina do autor.

As seguintes linhas nos lembram os fatos tão freqüentemente esquecidos de que a poesia, quando boa poesia, fala por si mesma, e que todo leitor, se bom leitor, consegue ver, na musa, muito mais do que quis dizer o poeta e muito mais do que qualquer palavra humana seria capaz de expressar.

A Musa

Tu és a relação entre o poeta e Deus.
 Tu prefiguras uma imagem do Eterno
 Porque a todo instante organizas o mundo,
 Sem ti minha poesia se extinguirá,
 Sem ti eu ficaria mirando as construções do tempo.
 Tu assistes aos movimentos da minha alma,
 E aumentas minha sede do ilimitado.

Um dia, quando o Eterno me der a grande força,
Prenderei tua cabeça entre as constelações
A fim de orientar os poetas futuros.

O Poeta Futuro

O poeta futuro já se encontra no meio de vós.
Ele nasceu da terra
Preparada por gerações de sensuais e de místicos:
Surgiu do universo em crise, do massacre entre irmãos,
Encerrando no espírito épocas superpostas.
O homem sereno, a síntese de todas as raças, o portador da vida
Sai de tanta luta e negação, e do sangue espremido.
O poeta futuro já vive no meio de vós
E não o pressentis.
Ele manifesta o equilíbrio de múltiplas direções
E não permitirá que algo se perca,
Não acabará de apagar o pavio que ainda fumega,
Transformando o aço da sua espada
Em penas que escreverão poemas consoladores.

O poeta futuro apontará o inferno
Aos geradores de guerra,
Aos que asfixiam órfãos e operários.

Parábola

É muito difícil esconder o amor
A poesia sopra onde quer

O poeta no meio da revolução
Pára aponta uma mulher branca
E diz alguma coisa sobre o Grande enigma

Os sábios sonham
Que estão mudando Deus de lugar.

CONCLUSÃO

Contemplando o caminhar do Cristo e de Murilo para Emaús, a que conclusões poderíamos chegar? Como eles se relacionam? Como um *lê* o outro?

Sem dúvida, Murilo tem muita admiração por Cristo; para ele, este *amigo do peito* se mostra bastante paradoxal: é, ao mesmo tempo, discreto e

penetrante, delicado e severo, sábio e humilde, carente e amoroso, sofredor e vitorioso, escritura e escritor, enfim, homem e Deus. Com certeza, Cristo tem um carinho todo particular pela busca da completitude espiritual do companheiro Murilo, companheiro espontâneo e sincero, que lembra outros velhos amigos: Paulo, na sua fé e ciência; João, no seu amor e fidelidade; e Pedro, na sua fragilidade e coragem.

Quão íntimos são estes dois, Cristo e Murilo! Quão honrosa é essa amizade! Ao lado deles, só deixaremos de percorrer também a poeirenta e pedregosa estrada de Emaús quando alcançarmos, definitivamente, a belíssima e mui acolhedora Jerusalém celestial.

ABSTRACT

The spirit of Emaus, which is opposite to all kinds of academicism, inspired the brazilian poet Murilo Mendes to write the work *The Disciple of Emaús*, which will be the object of this article. This intellectually notable, at the same time, sensible artist, shows us, from his understanding of the narrative of the road to Emaús, a poetical life compatible with theology. After a soon presentation of the author, we are going to compare the picture of Christ in *The Disciple of Emaús* and in the Holy Scriptures, seeking to approach more and more the spirit of Emaús, appreciating all this theological-poetical wealth.

KEYWORDS

Theology, poetry, art.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João Ferreira de Almeida (Tradução). 2. ed. (revista e atualizada). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BRUCE, F. F. *João, introdução e comentário*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1987.
- HOUSTON, James. *Orar com Deus*. Trad. João Bentes. São Paulo: Abba Press, 1995.
- LADD, George. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Darci Dusilek e Jussara M. P. S. Árias. Rio de Janeiro: Juerp, 1984.
- MENDES, Murilo. *Mundo enigma*. Porto Alegre: Globo, 1945.
- _____. *O Discípulo de Emaús*. In: *Murilo Mendes – poesia completa e prosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 1v.
- MORRIS, Leon. *Lucas, introdução e comentário*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1974.
- MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes – a poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

- NOUWEN, Henri. *Fontes de Vida*. Trad. Luis Fernando Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1997.
- WEINGÄRTNER, L. *Em Diálogo com a Bíblia – Filipenses*. Curitiba: Encontrão, Belo Horizonte: Missão Editora, 1992.
- WHITEMAN, Francis. *Murilo Mendes* [on line]. 1997. Disponível: <http://www.geocities.com/Paris/Rue/1740/murilo.html> (Contribuição de Tiago Maia).

NOTAS

1 Examinar o artigo dedicado à sua memória: “Centenário de nascimento do poeta Murilo Mendes”, 2001 (<http://www.jfservice.com.br/estacao/artistas/arquivo/2001/05/11-murilo/>).

2 “Emaús é como que o símbolo evangélico da religiosidade muriliana”, escreveu José Guilherme Merquior (Cf. Mendes, 1995, p.14).

3 Republicação, em 1994 (1.ed.) e 1995 (2.ed.), pela editora Nova Aguilar, em volume único (Murilo Mendes - *poesia completa e prosa*). Rio de Janeiro: Nova Aguilar), com organização, preparação de texto e notas de Luciana Stegagno Picchio.

4 *O Discípulo de Emaús* foi-nos legado em *fragmentos*. Ao longo do artigo, pela necessidade temática, valer-nos-emos de diversos outros escritos de Murilo Mendes e não somente daqueles que tratam diretamente do *episódio de Emaús* (ibidem, cf. os fragmentos 231- 235, p.838).

5 Paulo, o apóstolo aos gentios, muito influenciou o pensamento de Murilo Mendes (cf. Moura, 1995, nota 9, p.106).

6 Acurada exposição de Filipenses 2,5-11 pode ser encontrada com o título - *Cristo, o supremo exemplo* - em Weingärtner (1992, p.51-58).

7 No final do século I, os escritos joaninos também trataram do assunto ao versarem sobre a *encarnação do LOGOS / VERBUM de Deus*.

8 Aqui estamos tratando da *presente era do reino*, vinculada à primeira vinda de Cristo, em *estado de humilhação*. A *futura*, ligada ao retorno do Messias, em *estado de exaltação*, deverá ser explorada em um outro trabalho. Um estudo detalhado do tema pode ser lido em Ladd (1984).

9 Nos evangelhos, muitas famílias foram recompostas pela presença do *Hóspede Restaurador*. Ler, por exemplo, em Lucas 19, 1-10, o famoso caso da *visita de Jesus à residência do publicano Zaqueu*.

10 Os diálogos de Jesus com Nicodemos (cf. João, capítulo 3) e com a mulher samaritana (cf. João, capítulo 4) indicam uma das estratégias de que ele fez uso na partilha do evangelho – *a da amizade!*

11 A perícope (João 15,12-17) que registra esse versículo é muito bem exegetizada por Bruce, F. F. João – *introdução e comentário*. (1987, p.266-267), sob o título *os amigos de Jesus*. Os livros de James Houston, *Orar com Deus* (1995) e de Henri Nouwen, *Fontes de Vida* (1997), abordam o tema da comunhão Deus-homem de maneira brilhante.

12 Uma rápida avaliação das diversas propostas de tradução concernentes à palavra grega *anoêtoi* é feita por Morris (1974, p.317-318).

13 Ler os Salmos 1, 19 e 119. Estes trechos poéticos são verdadeiros hinos doxológicos à *Lei de Deus*.